

Artigos Livres

Dependência química no psicograma de grupo: a autoimagem como tema protagonista

Chemical dependency in the group psychogram: self-image as a leading theme

Katiussa Aparecida Gambin¹ , Viviane Oliveira de Almeida¹ ,
Marieli Mezari Vitali¹ 

¹ Universidade do Sul de Santa Catarina , Florianópolis, SC, Brasil

RESUMO

A dependência química envolve inúmeros prejuízos pessoais e relacionais e o Psicodrama pode auxiliar no processo de reabilitação psicossocial. O presente estudo teve como objetivo investigar, por meio de Psicodrama de grupo, como os dependentes químicos relacionam-se com sua autoimagem. Trata-se de um estudo qualitativo em formato de pesquisa-ação, realizada em modalidade de Psicodrama de grupo com 6 usuários do Centro de Atenção Psicossocial II Álcool e Outras Drogas. A partir de duas sessões em que o tema protagonista foi a autoimagem dos participantes, possibilitou-se que os indivíduos identificassem como se viam e construíssem uma imagem menos vitimizadora e mais ativa nas relações. Também foi possível trabalhar a aceitação de sua imagem, descobrindo potencialidades e reconhecendo limitações.

Palavras-chave: Psicodrama de grupo; Dependência química; Autoimagem

ABSTRACT

Chemical dependency involves numerous personal and relational losses and Psychodrama can assist in the psychosocial rehabilitation process. The present study aimed to investigate, through group Psychodrama, how drug addicts relate to their self-image. This is a qualitative study in an action research format, carried out in a group Psychodrama mode with 6 users of the Psychosocial Care Center II Alcohol and Other Drugs. From two sessions in which the protagonist theme was the participants' self-image, it was possible for individuals to identify how they saw themselves and to build a less victimizing and more active image in relationships. It was also possible to work on the acceptance of his image, discovering potentialities and recognizing limitations.

Keywords: Group psychodrama; Chemical dependency; Self-image

1 INTRODUÇÃO

Das teorias oriundas do saber psicológico, tem-se aquela que, embora não sendo uma das pioneiras, apresenta um propósito demasiado transformador, fala-se do Psicodrama, fundado por Jacob Levy Moreno. O Psicodrama, incluso na Socionomia, pode ser considerada a ciência das leis sociais e relações, focada na intersecção entre os mundos subjetivos, psicológicos e sociais. Concebe, portanto, um indivíduo contextualizado à suas circunstâncias (Milanello, 2005).

Adentrando no significado do termo, Moreno (2004) entende o Psicodrama como a ciência que investiga a verdade através de métodos dramáticos. A modalidade de grupo caracteriza-se pela presença de um terapeuta/diretor, um ou mais egos auxiliares e de um grupo. No grupo é eleito um protagonista, que detém naquele momento os afetos, necessidades, percepções e angústias, sintetizando o clima do presente grupo sendo, portanto, seu porta-voz (Dias, 1987). O trabalho com grupos, sob o olhar de vários participantes, estimula a verbalização e a dramatização das vivências afetivas, intelectuais, sensitivas e télicas. O encontro coletivo permite melhor transparência da dinâmica interpessoal (Cesarino, 2002).

Em se tratando de visão de sujeito, o Psicodrama desponta com um propósito otimista, em que, a partir dos recursos considerados inatos ao homem: espontaneidade, criatividade e sensibilidade, o indivíduo possui a fatores favoráveis ao desenvolvimento (Gonçalves *et al.*, 1998). Todavia, ao desenvolver-se biopsicossocialmente, o sujeito supracitado pode vir a ter seu potencial de saúde reduzido/adoecido, como ocorre na dependência química. A qual faz parte dos transtornos mentais e comportamentais devido ao uso de substâncias psicoativas.

O consumo de substâncias psicoativas não é um fenômeno principiante. Este fenômeno acompanha as civilizações desde épocas remotas, mas o padrão de uso é a expressão do padrão cultural vigente. No modelo contemporâneo, conforme Secretaria Nacional de Políticas Sobre Drogas (Brasil, 2014), a instantaneidade toma proporções significativas criando a cultura do aqui e agora e do descartável e, assim, as inúmeras vivências são postas sob esta ótica. As substâncias psicoativas, destarte,

“oferecem, em seus efeitos, uma resposta imediata e muito intensa (...). Respondem à compulsão do consumo da contemporaneidade” (Brasil, 2014, p. 16).

O cenário da dependência química é visto, atualmente, como um problema de saúde pública e conforme postula o Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais (American Psychiatric Association, 2014), a dependência química, define-se, essencialmente, pelo agrupamento de sintomas cognitivos, comportamentais e fisiológicos indicando a permanência da utilização da substância mesmo diante de prejuízos significativos relacionados a ela. Há um padrão de autoadministração repetida que resulta em tolerância, abstinência e comportamento compulsivo da droga.

Por se tratar de uma doença de caráter crônico, além dos já mencionados prejuízos, fragilizam-se os vínculos familiares, empregatícios, de lazer, o autocuidado, e vários outros papéis outrora desempenhados pelo sujeito. Assim sendo, a reabilitação psicossocial tem sido utilizada no tratamento, almejando fortalecer o indivíduo nas diversas esferas danificadas, restaurando, sobretudo, o funcionamento psicológico e social do indivíduo (Bonadio, 2010).

A temática da reabilitação psicossocial torna-se relevante, uma vez que o sujeito, ao adentrar no cenário da dependência supracitada, vivencia progressivas rupturas de vínculos familiares, amorosos, sociais, laborais, de lazer. Sua autoimagem baseia-se – quase que sempre! – naquele papel que, agora, lhe resta desempenhar: dependente químico. Assim sendo, ao se dispor ao tratamento, tais nuances da vida deste indivíduo devem ser, indubitavelmente, consideradas no plano terapêutico oferecido. Nesse contexto, o presente estudo teve como objetivo investigar, por meio de Psicodrama de grupo, como os dependentes químicos relacionam-se com sua autoimagem.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 Em cena, o Psicodrama

No intento de abordar uma discussão acerca de sujeitos, é inevitável desaguar em questões ontológicas. Desse modo, toda teoria possui uma concepção do ser,

homens e coisas, que fundamentam o desenvolvimento da concepção do que é o homem (Maheirie, 2002). No que tange a pluralidade de vertentes teóricas, Forghieri (2001) aborda que essa multiplicidade de abordagens decorre da complexidade do psiquismo humano que se releva pelo próprio existir.

O Psicodrama, somado de outras abordagens, fundamenta-se, então, nesta linha teórica. Ao falar em Psicodrama, fala-se também em fenomenologia, pois o homem é um ser consciente e a consciência é o homem. Ainda, a consciência possui um caráter, inegavelmente, intencional, que infere ao modelo “em relação a”, em que o homem (consciência) e o mundo (objeto) estão conectados e dependentes. Sendo assim, “o homem não é uma coisa entre outras coisas; ele ‘é aqui’, num sentido autolocalizado e autoconsciente, numa relação constante com os objetos, as pessoas e as situações” (Forghieri, 2001, p. 16).

O Psicodrama tem sua origem anos após o Teatro do Improviso ou Espontâneo, iniciado em 1921, por Jacob Levy Moreno. Na abordagem psicodramática, o sujeito é visto como um ser em relação. Martín (1996) relata que a fim de comprovar a constituição de homem criador, Moreno cunhou o conceito de espontaneidade e, carecendo explicar a relação entre os homens, fundamentou o termo fator tele como o segundo grande eixo da sua teoria. A espontaneidade norteia o legado teórico do Psicodrama e se caracteriza como a capacidade de agir de forma “adequado” em situações novas ou criar uma nova resposta e transformadora a uma situação já conhecida (Gonçalves *et al.*, 1998). Enquanto a tele é definida como a capacidade de perceber objetivamente o que ocorre nas situações e relações (Gonçalves *et al.*, 1998).

Nos norteamientos do legado teórico do Psicodrama está postulado o célebre conceito de sujeito como aquele que se intera no e com o meio. Por conta disso, esta díade homem-ambiente conduz os pressupostos teóricos de Moreno, o qual adverte que o existir do homem não é viver em solidão, mas em coletividade. A existência do indivíduo se realiza pelo desempenho de um papel na sociedade que, por sua vez, se insere em uma cultura (Martín, 1996).

O sujeito que, outrora se desenvolveu a partir da espontaneidade, opera em um grupo, onde se constitui a partir de tele-relações positivas ou negativas. Neste delineamento, emerge o terceiro grande conceito moreniano: o papel (Martín, 1996), que pode ser definido como “as formas reais e tangíveis que o eu adota” (Moreno, 2004, p. 206). Sendo assim, o “eu” está concretizado nos papéis atuados pelo sujeito.

Nesse contexto, surge o Psicodrama de Grupo como o intento de “tratar” o indivíduo na sociedade; um sujeito pode ser utilizado como instrumento de diagnóstico e agente terapêutico para com outro sujeito (Moreno, 1975). Segundo Datner (2006) os grupos são entidades vivas que se movimentam, comunicam, agem, avançam ou recuam. Para Moreno, em um grupo um paciente pode tratar o outro, podendo ser instrumento diagnóstico e agente terapêutico dos outros membros do grupo (Soares e Carvalho, 2003).

Ao adentrar no cenário grupal, o indivíduo está em relação, ou seja, sujeito a vincular-se. Conforme Dias (1987), o estabelecimento de vínculos no grupo é favorecido pela ausência de distúrbios na dinâmica grupal. Neste ensejo, o clima terapêutico também se pauta na formação (ou não) dos vínculos. No psicodrama de grupo, ao promover a passagem do verbal para a ação, se trabalha em um contexto de realidade suplementar, onde a vida é dramatizada e revivida no “como se”, por meio de personagens e cenas (Motta, 2011).

O psicodrama de grupo não é realizado a esmo, há um caminho a ser percorrido, um método a ser seguido. Assim sendo, a sessão psicodramática abarca uma sequência de etapas, as quais são: aquecimento, dramatização e compartilhar. O aquecimento específico faz parte do processo em que o terapeuta, ou diretor, já possui um protagonista e resolveu qual técnica utilizar para ação dramática. As consignas são precisas, tendo em vista a preparação do protagonista para a dramatização (Cukier, 1992). Na ação dramática, o protagonista representa seu mundo interior, projeta o conflito em cena e, por meio da ressonância gerada, a plateia e os atores contam e recontam suas vivências, reinventando o caminho e a maneira de percorrê-lo (Motta, 2011). A dramatização é seguida de um compartilhar, é o momento em que cada elemento do grupo se expõe assim como o protagonista, comentando sobre o que da vivência do protagonista é similar ou diferente da sua (Gonçalves *et al.*, 1998).

2.2 No palco, a dependência química

Os processos de humanização do homem desenvolvem-se pela sua relação com outros. Esta relação de mediação se resume ao que Bock (1995, p. 15) aponta na seguinte frase: “o homem é construído pelo próprio homem” e, portanto, é preciso compreendê-lo como um ser social. Nesse enredo, é possível, e necessário, compreender o consumo de substâncias psicoativas a partir do contexto histórico-cultural. O homem, incluso na lógica da sociedade do consumo, pauta-se na cultura do imediatismo e do intenso (Brasil, 2009).

Ainda, a Secretaria Nacional de Políticas Sobre Drogas (Brasil, 2009) acrescenta que, de certa forma, as drogas respondem a exigências de contextos socioculturais. Seus efeitos são respostas imediatas e intensas de sensações de prazer, que modificam a relação do sujeito com o mundo, com efeitos que cessam em pouco tempo. Essa situação, desencadeia a procura de novas doses, devido a necessidade de consumo, respondendo à compulsão do consumo contemporâneo, preenchendo por alguns momentos o vazio produzido por faltas de perspectivas de vida, com uma falsa doação de sentido.

Neste ensejo, a dependência química advém de uma estreita e patológica relação com tais substâncias psicoativas que, além do já exposto, são substâncias químicas que promovem a modificação das funções do sistema nervoso central, resultando em efeitos psíquicos e comportamentais (Dalgalarrodo, 2000). É válido mencionar que nem todo sujeito que utiliza substâncias psicoativas é, necessariamente, dependente químico. Bonadio (2010) diferencia alguns conceitos: uso, abuso e dependência. O uso é um padrão de consumo que não ocasiona prejuízos ao sujeito, embora haja controvérsias, considerando que é difícil estabelecer uma margem de confiança para o consumo seguro de substância psicoativas. No que tange ao abuso e a dependência, as desordens se apresentam no cotidiano do indivíduo, bem como, no de terceiros, caracterizando um consumo disfuncional.

Por conseguinte, considerando-se a singularidade humana, há sujeitos mais vulneráveis que outros à dependência química, que abarca a relação entre o indivíduo

e suas características biológicas e de personalidade; indivíduo e a substância; indivíduo e o meio ambiente no qual se dá o encontro sujeito-substância psicoativa (Silveira Filho, 1995). No que tange a dimensão indivíduo, a mais complexa, a relação que o sujeito estabelece com a substância é crucial para definir se haverá, ou não, a dependência. Esta relação é influenciada por fatores sociais, biológicos e psicológicos. Conforme a Secretaria Nacional de Políticas Sobre Drogas (Brasil, 2014), na interação entre aspectos pessoais e ambientais, floresce o desenvolvimento psicológico do sujeito e é através deste que a adaptação ao contexto será satisfatória ou não. Frente às vivências que não conseguem ser elaboradas e transformadas, muitos sujeitos recorrem às drogas como fuga, tornando-se vulneráveis à instalação da dependência.

Silveira Filho (1995) menciona que, ao oferecer o prazer, a droga preenche lacunas significativas, assumindo um papel central na vida dos usuários. A substância torna-se, então, indispensável para o funcionamento psíquico dos mesmos. Os entraves psicossociais são fortemente evidenciados no quadro psiquiátrico da dependência química. O próprio Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (American Psychiatric Association, 2014) menciona problemas com o grupo de apoio primário, dificuldades relacionadas ao ambiente social, prejuízos educacionais, ocupacionais, de moradia, econômicos e de acesso aos serviços de saúde.

Por fim, a dependência química, considerada de caráter crônico, carece de intervenções que contemplem não somente a ausência do uso da substância, mas, também e primordialmente, que o sujeito seja considerado em sua totalidade. O sujeito, no aprisionamento da dependência química, depara-se com sua saúde psicológica, física e social demasiadamente prejudicada e o Psicodrama de Grupo oferece um importante suporte para auxiliar esses sujeitos.

3 METODOLOGIA

Trata-se de um estudo de natureza qualitativa, em formato de pesquisa-ação. O principal aspecto da pesquisa-ação consiste em uma ampla e explícita interação entre

os pesquisadores e as pessoas envolvidas na situação investigada. É nessa interação que surgem as problemáticas a serem investigadas. Ainda, o Psicodrama como um método de pesquisa possibilita a parceria entre participantes e pesquisadores em prol do tema investigado (Nogueira-Martins e Brito, 2009).

Sendo assim, a pesquisa foi realizada conforme os moldes do Psicodrama de grupo, seguindo as etapas da sessão e instrumentos psicodramáticos, conforme os preceitos Morenianos. Participaram da pesquisa 6 usuários que frequentam o Centro de Atenção Psicossocial II Álcool e Outras Drogas, de um município do Sul Catarinense. Os participantes foram acessados de forma não probabilística pela primeira autora, profissional do CAPSad, que realizou o convite aos usuários e a pesquisa foi realizada com os usuários que se disponibilizaram a participar de 6 sessões psicodrama de grupo, com duração média de 1h30min. O critério de inclusão no estudo foi ser dependente químico em processo de reabilitação psicossocial no CAPSad em que a pesquisadora atuava.

O presente estudo focou nos dois primeiros encontros, que visou trabalhar a autoimagem dos participantes, um importante aspecto quando se trabalha com o processo de reabilitação psicossocial do dependente químico, como indicação da literatura (Rigotto e Gomes, 2002). As sessões foram gravadas e posteriormente transcritas e a análise dos dados obtidos nos encontros seguiu os preceitos teóricos e epistemológicos do Psicodrama e também na literatura nacional sobre dependência química.

Para início da pesquisa foi obtida a aprovação da coordenação do serviço público em que a mesma foi realizada. Posteriormente, realizou-se um protocolo de solicitação no setor administrativo da Prefeitura Municipal da cidade. Concomitante ao exposto acima, o projeto passou pela averiguação do Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) e obteve a aprovação sob o nº 54455116.6.0000.5490. A pesquisa seguiu os preceitos éticos necessários em pesquisas com seres humanos e garantiu o sigilo dos participantes por meio de nomes fictícios.

4 APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

A primeira sessão foi intitulada “O condenado” com base no conflito que emergiu no encontro e seguiu as etapas de uma sessão de psicodrama de grupo, conforme indicado por Nery (2010). A sessão iniciou com os contratos iniciais, seguindo para o aquecimento inespecífico, que consistiu na verbalização de seu nome, e a partir de iniciadores corporais, caminhando pela sala, e iniciadores mentais/verbais, responder ao questionamento “quem sou eu?”, seus defeitos, qualidades e papéis que desempenha. A escolha da técnica de auto apresentação foi proposital, pois propõe que os participantes apresentem-se ao grupo por meio dos papéis significativos de suas vidas, e segundo Menegazzo e outros (1995), é frequentemente utilizada nos processos de aquecimento grupal.

Cabe ressaltar que um dos participantes, Joaquim, verbalizou não estar preparado para realizar a proposta do aquecimento e a diretora se propôs a acompanhá-lo. Conforme postula Fonseca (2000), neste momento do processo o grupo não se conhece e, então, a vida grupal é temida, surge a ansiedade assim como ocorre na fase da indiferenciação postulada no desenvolvimento da Matriz de Identidade. Diante dessa situação, mesmo com as limitações de vínculo decorrentes do momento de existência do grupo, produziu os elementos pertinentes ao aquecimento.

Dentre as apresentações dos participantes, Ricardo mobilizou o grupo e foi escolhido como protagonista. Suas verbalizações sobre si foram: *“Irritado; pai; filho; avô; amoroso; incompreendido, carente; desprezado; julgado, condenado”*. O aquecimento inespecífico finalizou com o surgimento do protagonista que, por sua vez, expressa os conflitos dos membros dos grupos (Nery e Costa, 2008). Consequente, o aquecimento específico visou preparar o protagonista para a dramatização (Cukier, 1992).

Ricardo fornece mais detalhes do conflito, enaltecendo o fato de sentir-se condenado. Nesse momento a diretora o direciona para a dramatização e o protagonista escolhe um ego-auxiliar do grupo para representá-lo. Conforme destaca

Bustos (2005), o papel de ego-auxiliar é indispensável para o aquecimento cena, devido sua proximidade com o protagonista e sua integração à cena. Sendo assim, Ricardo monta no próprio ego a imagem da pessoa condenada: mãos amarradas atrás das costas, sem visão, sem face, cabisbaixo. Ao ser questionado sobre o que vê na cena, o protagonista responde, chorando: *"Que não tem nenhuma alternativa, nenhuma saída. A única alternativa é tirar a própria vida para servir de consolo para os outros, para que venham a ter paz na terra"*.

Diretora: *"A imagem não tem visão, como você disse. O que ela não quer enxergar?"*

Ricardo: *"Que tem pessoas carregando a minha cruz. Fiz muito mal a elas. Coisas terríveis"*.

Diretora, em duplo: *"Na verdade, eu também estou me condenando"*.

Ricardo projetou na imagem conteúdos do seu mundo interno. Conforme Cukier (1992), o trabalho com imagens funciona como um espelho, uma vez que o indivíduo ao deparar-se com tais conteúdos promove insights. Neste caso, o protagonista vislumbrou sua postura diante das situações, bem como, aquilo que lhe é doloroso/desconfortável visualizar (o sofrimento familiar). Por conseguinte, a diretora fez uso da técnica do duplo, que intenta auxiliar o protagonista a conectar-se consigo mesmo (Bustos, 1999). Assim sendo, Ricardo toma consciência da autocondenação.

A diretora então questiona o que poderia dizer para a pessoa condenada, ao que Ricardo responde: *"Espera um pouco mais... Se esforça mais... Tu vais conseguir"*. A diretora pergunta para o ego-auxiliar se ele conseguirá esperar e esforçar-se mais.

Ego Imagem: *"Não consigo, me sinto sem forças, todos me condenam"*.

Neste momento, Ricardo escolhe dois egos-auxiliares para representarem aqueles que o condenam. Não quis nomeá-los, porém, sinalizou que são familiares próximos e muito estimados por ele. Os posiciona perto de si. A diretora solicita que Ricardo mostre como a condenação ocorre, ao passo que Ricardo toma o papel dos egos.

Ricardo no papel do ego 1: *"Pau que nasce torto vai morrer torto! Eu não te reconheço mais!"*

Ricardo no papel do ego 2: *"Se eu quisesse, já tinha mandado te matar! Estragasse minha vida!"*

As falas expostas por Ricardo revelam como a família do usuário de drogas reage em decorrência das constantes situações de desconforto, os familiares acabam criticando o dependente. As críticas mais comuns contemplam sua higiene, aparência, comportamento, insucesso profissional e insegurança (Silva *et al.*, 1986).

Para que os egos-auxiliares escolhidos pelo protagonista pudessem compreender com maior clareza os personagens envolvidos na cena dramática, a diretora propôs a inversão de papéis entre ego-auxiliar e protagonista. Este último representando a imagem que possui dos personagens e fantasias (Martín, 1996). Posteriormente, os egos-auxiliares reproduziram as falas.

Diretora: *"Você apenas escuta ou fala algo a eles?"*

Ricardo para os egos: *"Vocês não podem falar isso, não sabem o que se passa dentro de mim".*

Ego 1: *"Como que não te conhecemos se somos tua família? Enquanto tu estiver assim nós vamos falar isso!"*

Ricardo: *"Falta amor, falta carinho, ajuda. Tô magoado... Vocês não me compreendem, não entendem o que passa dentro de mim".*

Ego 2: *"A gente já tentou de tudo. Não sabemos mais o que fazer..."*

Ricardo: *"Eu fiz essa família. Antes de usar eu dediquei a minha vida a vocês".*

Diretora, em duplo: *"Eu quero ser cuidado como um dia cuidei de vocês".*

O Ricardo começa a chorar e a diretora solicita que assuma o papel do ego 1. A diretora então fala para o ego 1: *"O Ricardo quer ser cuidado por vocês, será que isso seria possível?"*.

Ricardo no papel do ego 1: *"Nós já demos várias chances, mas tu nunca mudou. Só piora com o tempo, é que nem pilha de relógio. Só vamos esperar ver o que tu vais fazer, tu não se ajuda. Estamos cansados de sofrer".*

Ricardo volta ao seu papel e o ego 1 repete a fala supracitada, ao que Ricardo responde: *"Eu sei que eu sou o culpado. Eles sofreram muito".*

A tomada de papel foi utilizada a fim de permitir que Ricardo pudesse compreender melhor o mundo interno dos seus familiares. Segundo Gonçalves e outros (1998, p. 21), a vivência psicodramática possibilita uma intuição “a respeito do ser do outro”. Tal técnica proporciona, além da vivência no papel do outro, o emergir de dados sobre o próprio papel, que sem este distanciamento não seria possível existir (Cukier, 1992). Cabe ressaltar as controvérsias acerca do uso do termo “tomada de papel”, pois alguns psicodramatistas defendem que a inversão de papéis somente dar-se-ia quando os dois sujeitos envolvidos estivessem presentes na sessão. Já para outros, tanto a tomada de papel quanto a inversão de papel fazem parte de um mesmo processo, com diferentes graus de complexidade (Cukier, 1992).

Diretora: *“Você está parado, sem reagir à condenação; eles estão parados esperando sua reação. É doloroso enxergar as consequências das nossas ações e, então, nos punimos, nos condenamos. Tem feridas dos dois lados. Você está machucado, eles também estão. Talvez as feridas não sejam esquecidas, deixem cicatrizes. Como você gostaria que essa imagem estivesse?”*

Ricardo retira as mãos de trás das costas e as deixa soltas. Levanta o rosto, mas mantém os ombros caídos. Ao ser questionado sobre como se sente assim, responde: *“Acho que dá pra começar a olhar um pouco as coisas que eu causei. Mas é difícil e dói”*.

O conflito relatado por Ricardo neste encontro denuncia como a dependência química afeta a vida de todos os envolvidos, em especial, a da família. Nessa relação, perpassada pela dependência química, toda a família adocece, uma vez que os relacionamentos tornam-se difíceis e tensos, prejudicando a harmonia no lar (Schnorrenberger, 2003).

Posto isso, o sujeito adicto ao deparar-se com as implicações que o seu uso acarreta nos membros familiares, vivencia intenso sofrimento físico e emocional (Leite, 2000). Em virtude deste fato, Ricardo condena-se, é sofrível ao protagonista ter consciência da sua contribuição para o adoecimento do lar. Não obstante, simultaneamente a isso, Ricardo constrói um discurso de responsabilização – ou seja, de sujeito (auto) condenado a sujeito consciente das consequências das suas ações.

No compartilhamento, em que o público trazem suas vivências internas que emergiram durante a sessão (Gonçalves *et al.*, 1998), surge a condenação referente às críticas familiares e a autocondenação que surge a partir protagonista foi reconhecida como elemento comum ao grupo, seja para singularizar-se ou homogeneizar-se. Tais relatos fundamentam-se, conforme analisado na cena descrita, na experimentação de vínculos relacionais adoecidos pelos efeitos da dependência de substâncias psicoativas. Os participantes apresentaram também a significativa responsabilização acerca dos impactos das suas atitudes na dinâmica familiar.

Neste sentido, no que concerne à maneira como o indivíduo percebe-se, é possível concluir que a autoimagem é construída nas relações. Conforme Forghieri (1984, p. 16) aponta: “o homem não é uma coisa entre outras coisas; ele ‘é aqui’, num sentido auto localizado e autoconsciente, numa relação constante com os objetos, as pessoas e as situações”. Os efeitos da dependência química extrapolam o próprio sujeito, portanto, o sujeito constrói sua autoimagem assentada naquilo que experencia nas relações que estabelece.

Posto isso, o psicodrama de grupo, neste encontro, propiciou aos participantes – e, em especial ao protagonista – a conscientização e responsabilização das consequências do seu agir no mundo, implicando-se naquilo que vivencia. Houve a identificação da autoimagem passiva, vitimizada, para a construção de uma autoimagem congruente com seu mundo circundante: ativa, consciente e responsável.

A segunda sessão prosseguiu com o objetivo de trabalhar a autoimagem e foi denominada “Ontem, hoje, amanhã”. O aquecimento inespecífico utilizou recursos mentais e imaginativos solicitando que os participantes se visualizassem em um espelho, e então relatarem o que viram. Ao vislumbrarem-se diante do espelho imaginário, os participantes trouxeram à tona conteúdos que abarcam sua autoimagem, enaltecendo as sequelas da prática do uso de substâncias psicoativas. Conforme a literatura, para o dependente químico é demasiada significativa a dificuldade em aceitar a si mesmo, dificuldade esta representada pelo caráter psíquico: autoestima e autoimagem (Silveira *et al.*, 2013).

Murilo, com seu relato, foi eleito pelo grupo como protagonista. Bustos (2005) corrobora que ao adentrar no papel protagônico, o sujeito entra em contato não somente nas próprias cenas temidas, mas também, nas de outros protagonistas inseridos no grupo. É, pois, um representante legítimo do grupo.

No aquecimento específico Murilo contou mais sobre a experiência de se olhar no espelho: *"Hoje tenho coragem de olhar no espelho, mas minha aparência mostra que eu fui usuário. E aí eu lembro de quem eu era. O Murilo de antes não se preocupava com ninguém, roubava o tio, o avô"*.

Diretora: *"O que tá mais difícil: lembrar do passado ou pensar no futuro?"*

Murilo: *"Os dois. Lembrar de mim no passado é mexer na cicatriz. Mas eu não vejo muita coisa pro meu futuro"*.

Murilo traz, então, como conflito protagônico sua dificuldade em lidar com os acontecimentos passados, bem como, com as aspirações futuras. Iniciou-se então a dramatização em que o protagonista representa seu mundo interior, projetando o conflito em cena por meio da ressonância gerada, a plateia e os atores contam e recontam suas vivências, reinventando o caminho e a maneira de percorrê-lo (Motta, 2011). A dramatização iniciou com Murilo escolhendo um ego-auxiliar para representar seu eu do passado.

Murilo no papel do Murilo do passado: *"Tenho 17 anos, bebo e me drogo bastante pra criar coragem pra chegar nas meninas, pra ser descolado. Meus amigos são da pesada"*.

Diretora: *"Você está me dizendo, então, que é legal usar drogas?"*

Murilo no papel do Murilo do passado: *"Sim, claro que é."*

Neste momento da cena foi utilizada a técnica da entrevista/reportagem, a qual proporciona compreensões acerca do conteúdo trazido. Assim como, a partir do diálogo entre diretor, protagonista e/ou ego-auxiliar proporciona-se compreensões acerca do conteúdo e subsídios para a preparação da cena (Menegazzo *et al.*, 1995).

Murilo significou o despertar para o uso de drogas como algo positivo, que lhe proporcionava segurança nos relacionamentos amorosos, sentimento de pertencimento no grupo "dos descolados e da pesada". São muitas variáveis que

podem se conjugar nas histórias de vida de formas diferentes, pois está associado à função que a pessoa delega à droga na sua vida, no seu cotidiano e do benefício que extrai desse uso, dos significados que vai atribuindo nesse percurso e que inclui outras pessoas à sua volta (Cunha, 2012).

É na adolescência que a grande maioria dos dependentes químicos inicia o uso. Esta fase é caracteristicamente marcada pela suscetibilidade a influências e frustrações, as quais, quando não solucionadas, tendem a permanecer na fase adulta. Favorecendo que o uso de drogas venha a suprir necessidades afetivas ou apresentem-se como uma fuga dos problemas e das responsabilidades que esta nova fase apresenta (França *et al.*, 2014).

O ego-auxiliar reproduz as falas mencionadas por Murilo e a diretora questiona o que Murilo diria a ele.

Murilo: *"Pra acreditar mais. Dá tempo de mudar".*

Ego no papel Murilo do passado: *"É, mas eu vou continuar bebendo porque eu preciso ter coragem pra chegar nas meninas".*

Murilo: *"Eu sei que a droga ajuda nós, ela dá segurança, dá tesão, mas depois dá medo, pânico. Ela tira a saúde, muita coisa".*

Nesta fala do protagonista é possível atentar aos aspectos que sustentam a dependência química no sujeito. Silveira Filho (1995) menciona que ao oferecer o prazer a droga preenche lacunas significativas, assumindo um papel central na vida dos usuários. A substância torna-se, então, indispensável para o funcionamento psíquico dos mesmos.

Diretora: *"O que você sente olhando pra esse menino de 17 anos?"*

Murilo: *"Eu tenho compaixão por ele. Eu entendo que foi a juventude, a insegurança, os amigos. Hoje meu pensamento tá melhor, a compulsão não é mais a mesma. Mas eu não posso esquecer quem eu fui".*

Diretora: *"Entendo, as cicatrizes te acompanham, esse menino te acompanha".*

Murilo: *"Sim, ele sempre vai estar comigo, porque ele me lembra tudo o que eu passei de ruim e que eu não quero passar de novo. Só preciso continuar a vida, mas fico sem saber como".*

Diretora: *"Você quer continuar, esse menino vai com você ou fica?"*

Murilo: *"Ele vai comigo (posiciona o ego do seu lado esquerdo). Ele vai me lembrar da dor e das alegrias. De quando era mais novo".*

Diretora: *"Certo, agora escolha alguém para ser você no futuro".*

Murilo escolhe um colega do grupo. Toma o lugar do ego para fornecer informações e a diretora o questiona para saber como está o Murilo do futuro.

Murilo no papel do Murilo do futuro: *"Já se passou 1 ano, tô bem, estudando, trabalhando, tirando carteira de motorista".*

Diretora: *"E como você fez pra chegar até aqui?"*

Murilo no papel do Murilo do futuro: *"Eu tive que acreditar, ter esperança, comecei a levantar cedo, não faltei mais ao serviço, não bebi e nem me droguei mais. Nos finais de semana tirei minha carteira de motorista. Comecei a acreditar mais em mim, e parti pra ação".*

O ego-auxiliar no papel de Murilo do futuro fala ao Murilo as informações. O protagonista permanece em silêncio e a diretora solicita que pense alto.

Murilo: *"Ah, eu fico feliz em ver que tem esperança... Eu tenho sonhos, quero ter família, arrumar minha aparência, arrumar uma mulher de confiança, trabalhar..."*

Diretora: *"Aquele menino de 17 anos que está do seu lado também tinha muitos sonhos, mas na inexperiência da juventude ele tentou realizá-los por um caminho não muito bacana. O Murilo do futuro, um cara com mais experiência, te deu algumas dicas pra seguir num caminho certo. Você acha que dá pra ficar mais confiante e seguro agora?"*

Murilo: *"Acho que sim".*

Diretora: *"Como você gostaria de finalizar esta cena?"*

Murilo continua com o passado do seu lado e posiciona o ego do futuro à sua frente, com certa distância.

Independente das inúmeras razões que levam a pessoa ao uso de drogas, sejam amizades, desejo de manter-se integrado a um grupo, desajustamento familiar..., a grande maioria dos que iniciam o uso deparam-se, posteriormente, com a perda do controle, a incapacidade de decidir sobre seus próprios rumos (Schnorrenberger, 2003). A cena aqui relatada revelou aspectos da autoimagem do protagonista e é possível compreender que, ao deparar-se com os danos que o uso ocasiona, é significativamente doloroso e impactante ao indivíduo, suscitando embaraços na capacidade de elaborar perspectivas de futuro.

Murilo, a priori, mencionou sua angústia em vislumbrar-se num futuro. Neste ensejo, utilizou-se a técnica de projeção do futuro, a qual baseia-se na compreensão de que o homem necessita imaginar-se futuramente. Conforme Cukier (1992), esta técnica possibilita a exploração do futuro, permite visualizar expectativas, repetições e até mesmo a compreensão de condutas atuais. Murilo, ao experienciar tal projeção, tomou consciência não somente dos seus objetivos, mas, primordialmente, de como atingi-los. Aquilo que, até então, era tido como vago, sem desenho, começa a criar contornos, caminhos.

A técnica do solilóquio foi aplicada, por conseguinte, para que o protagonista pudesse expressar sentimentos e pensamentos ocultos. Fonseca Filho (1980) concebe o solilóquio como uma conversa com si mesmo. Murilo, então, verbalizou ter sonhos e esperança de concretizá-los. Sendo que se faz imprescindível para a reabilitação psicossocial a relação de bem-estar que o dependente químico estabelece consigo mesmo, possibilitando o resgate da autoconfiança. A aceitação de si provoca desejos de mudança e de libertação, conduzindo o tratamento ao êxito (França *et al.*, 2014).

Ao final da sessão os participantes compartilharam com o protagonista suas motivações nos primórdios do uso de substâncias psicoativas (tempo passado), bem como, a dificuldade – e necessidade! – de romper com o padrão patológico de uso (tempo presente/futuro). Indubitavelmente, as sensações subjetivas motivacionais do uso da substância, associados a ativação da via de recompensa cerebral, gerando reforço positivo (sensação agradável e prazerosa), que leva à intensificação do

consumo (Brasil, 2014), possuem influência significativa no desenvolvimento da dependência química. Todavia, é notável que, neste desenvolvimento ocorrem (mais tardiamente) sensações de desprazer, que impulsionam o sujeito a cessar/diminuir o uso. As sequelas relatadas pelos participantes tornam sofrível o olhar-se diante do espelho e, conseqüentemente, o projetar-se no futuro.

Destarte, o psicodrama de grupo deste encontro favoreceu aos sujeitos da pesquisa o processo de aceitação da sua autoimagem. Esta que abarca as experiências passadas desgostosas e, a partir disso, a iniciativa para a construção de projetos futuros, ampliando sua percepção de si e suas potencialidades, sem desconsiderar suas limitações.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Acerca dos intentos referidos na problemática deste estudo, a dependência química, atualmente, é tida como um problema de saúde pública; não bastando, as intervenções que tal assunto requer, abarca o viés biopsicossocial – este que vislumbra o sujeito usuário em sua totalidade, considerando sua capacidade de reabilitar-se psicossocialmente. O psicodrama de grupo, por sua vez, contempla intervenções que contribuem para que os indivíduos se desvencilhem do adoecimento causado pela dependência de substâncias psicoativas. Neste ínterim, aquele objetivo primeiro – analisar como o psicodrama de grupo pode auxiliar no processo de reabilitação psicossocial dos dependentes químicos – foi atingido.

Aludindo aos objetivos minuciosos, no que concerne ao modo como os participantes do estudo relacionam-se com sua autoimagem, evidenciou-se que o psicodrama de grupo possibilitou aos sujeitos a construção de uma autoimagem menos vitimizadora/incapacitadora, ou seja, perceberam-se como seres ativos, conscientes e responsáveis daquilo que vivenciam, em especial do sofrimento familiar decorrente da própria dependência química. Ainda, houve a contribuição para o processo de autoaceitação, envolvendo as próprias potencialidades, bem como, as limitações.

Acerca dos impasses no percurso do estudo, cabe mencionar acerca do reduzido/escasso material teórico abarcando a dependência química pelo viés do psicodrama. É possível atentar ao fato de que novas contribuições teóricas são idôneas – nunca é pouco saber acerca das possíveis demandas de trabalho. No que se refere as limitações, estudos qualitativos não exigem a grande quantidade de participantes, mas tal aspecto pode ser considerado uma limitação.

REFERÊNCIAS

- AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. **DSM-5**: Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais. Porto Alegre: Artmed, 2014.
- BOCK, A. M. B. O desafio da construção de uma nova psicologia. **Revista da Faculdade de Psicologia da PUC**, São Paulo, v. 1, n. 1, p. 13-18, set. 1995.
- BONADIO, A. N. **O processo de reabilitação psicossocial de dependentes químicos**: estudo qualitativo em uma residência terapêutica. 189 p. Tese (Programa de Pós-Graduação em Psiquiatria) - Universidade Federal de São Paulo, São Paulo, SP, 2010. Disponível em: <https://www.uniad.org.br/wp-content/uploads/2009/05/Tese-final-Alessandra-Bonadio.pdf>. Acesso em: 15 mar. 2020.
- BRASIL. Secretaria Nacional de Políticas Sobre Drogas. **Relatório Brasileiro sobre Drogas**. Brasília: SENAD, 2009. Disponível em: <http://www.escs.edu.br/arquivos/DrogasResumoExecutivo.pdf>. Acesso em: 13 abr. 2020.
- BRASIL. Secretaria Nacional de Políticas Sobre Drogas. **Prevenção dos problemas relacionados ao uso de drogas**: capacitação para conselheiros e lideranças comunitárias. 6. ed. Brasília: SENAD-MJ/NUTE-UFSC, 2014. Disponível em: <http://conselheiros6.nute.ufsc.br/wp-content/uploads/2014/10/livro-texto.pdf>. Acesso em: 14 mar. 2020.
- BUSTOS, D. **Novas Cenas Para o Psicodrama**: o teste da miranda e outros temas. São Paulo: Ágora, 1999.
- BUSTOS, D. **O Psicodrama**: Aplicações da Técnica Psicodramática. 3. ed. São Paulo: Ágora, 2005.
- CESARINO, A. C. **A ética nos grupos**: Contribuição do psicodrama. São Paulo: Ágora, 2002.
- CUKIER, R. **Psicodrama bipessoal**: sua técnica, seu terapeuta e seu paciente. 4. ed. São Paulo: Ágora, 1992.
- CUNHA, A. C. M. O consumo de drogas. **Revista Brasileira de Psicodrama**, São Paulo, v. 20, n. 1, p. 197-202, jun. 2012. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-53932012000100013. Acesso em: 20 maio 2020.
- DALGALARRONDO, P. **Psicopatologia e semiologia dos transtornos mentais**. Porto Alegre: Artmed, 2000.
- DIAS, V. R. C. S. **Psicodrama**: teoria e prática. 3. ed. São Paulo: Ágora, 1987.
- FONSECA FILHO, J. S. **Psicodrama da loucura**: Correlações entre Buber e Moreno. São Paulo: Ágora, 1980.

FONSECA, J. S. **Psicoterapia da relação**: elementos do psicodrama contemporâneo. São Paulo: Ágora, 2000.

FORGHIERI, Y. C. **Fenomenologia e psicologia**. São Paulo: Cortez, 1984.

FRANÇA, D. L.; PEDROSO, M. L. O.; NASCIMENTO, N. C. O.; BARBOSA, A. P. O Processo de Reabilitação de Dependentes Químicos. **Psicologado**, 2014. Disponível em: <https://psicologado.com/atuacao/psicologia-da-saude/o-processo-de-reabilitacao-de-dependentes-quimicos>. Acesso em: 20 fev. 2020.

GONÇALVES, C. S.; WOLFF, J. R.; ALMEIDA, W. C. **Lições de psicodrama**: introdução ao pensamento de J. L. Moreno. 5. ed. São Paulo: Ágora, 1998.

LEITE, M. C. **Aspectos básicos do tratamento da síndrome de dependência de substâncias psicoativas**. Brasília: Presidência da República, Gabinete de Segurança Institucional, Secretaria Nacional Antidrogas, 2000.

MAHEIRIE, Kátia. Constituição do sujeito, subjetividade e identidade. **Interações**, São Paulo, v. 7, n. 13, p. 31-44, jan./jun. 2002. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/354/35401303.pdf>. Acesso em: 16 mar. 2020.

MARTÍN, E. G. **Psicologia do encontro**: J. L. Moreno. São Paulo: Ágora, 1996.

MENEGAZZO, C. M.; TOMASINI, M. A.; ZURETTI, M. M. **Dicionário de Psicodrama e Sociodrama**. São Paulo: Ágora, 1995.

MILANELLO, M. **Moreno e Winnicott**: aproximações. 145 p. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, SP, 2005. Disponível em: <https://tede2.pucsp.br/handle/handle/15940>. Acesso em: 27 abr. 2020.

MORENO, J. L. **Psicodrama**. São Paulo: Cultrix, 1975.

MORENO, J. L. **Psicodrama**. 7. ed. São Paulo: Cultrix, 2004.

MOTTA, J. M. C. Estado da arte na ação dramática. In: MOTTA, J. M. C.; ALVES, L. F. (org.). **Psicodrama**: ciência e arte. São Paulo: Ágora, 2011. p. 82-91.

NERY, M. P. **Grupos e Intervenção em Conflitos**. São Paulo: Ágora, 2010.

NOGUEIRA-MARTINS, M. C. F.; BRITO, V. C. A. Psicodrama e pesquisa. **Revista Brasileira de Psicodrama**, São Paulo, v. 17, n. 2, p. 143-155, 2009. Disponível em: <http://revbraspsicodrama.org.br/rbp/article/download/119/106>. Acesso em: 07 maio 2020.

RIGOTTO, S. D.; GOMES, W. B. Contextos de Abstinência e de Recaída na Recuperação da Dependência Química. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, Brasília, v. 18, n. 1, p. 95-106, jan./abr. 2002. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-37722002000100011&script=sci_arttext. Acesso em: 13 jun. 2020.

SCHNORRENBERGER, A. S. **A família e a dependência química**: uma análise do contexto familiar. 63 p. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Serviço Social) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, SC, 2003. Disponível em: <http://tcc.bu.ufsc.br/Ssocial288588.PDF>. Acesso em: 16 maio 2020.

SILVA, M. L. *et al.* **Alcoolismo**: um problema com o qual muitos convivem, porém poucos conhecem. São Paulo: Edicon, 1986.

SILVEIRA, C. *et al.* Qualidade de vida, autoestima e autoimagem dos dependentes químicos. **Ciência e saúde coletiva**, [S.l.], v. 18, n. 7, p. 2001-2006, jul. 2013. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1413-81232013000700015&script=sci_arttext&tlng=pt. Acesso em: 16 maio 2020.

SILVEIRA FILHO, D. X. **Drogas**: uma compreensão psicodinâmica das farmacodependências. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1995.

SOARES, J. S.; CARVALHO, A. M. Mulher e mãe, “Novos papéis”, velhas exigências: Experiência de psicoterapia breve grupal. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 8, n. spe., p. 39-44, 2003. Disponível em: <https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/lil-359553>. Acesso em: 20 jun. 2020.

Contribuição de Autoria

1 – Katiussa Aparecida Gambin

Psicóloga pela Universidade do Sul de Santa Catarina (UNISUL)

<https://orcid.org/0000-0003-1813-9185> • katiussagambin@gmail.com

Contribuição: Conceituação; Análise Formal; Escrita - primeira redação

2 – Viviane Oliveira de Almeida

Mestre em Teatro pela Universidade do Estado de Santa Catarina

<https://orcid.org/0000-0001-6289-8432> • viviane0101@hotmail.com

Contribuição: Metodologia; Escrita - revisão e edição

3 – Marieli Mezari Vitali

Mestranda vinculada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)

<https://orcid.org/0000-0003-0052-7788> • marielimezari@gmail.com

Contribuição: Metodologia, Administração do projeto; Escrita - revisão e edição

Como citar este artigo

GAMBIN, K. A., ALMEIDA, V. O. de; VITALI, M. M. Dependência química no psicograma de grupo: a autoimagem como tema protagonista. **Revista Sociais e Humanas**, Santa Maria, v. 38, e61318, 2025. DOI 10.5902/2317175861318. Disponível em: <https://doi.org/10.5902/2317175861318>. Acesso em: XX/XX/XXXX.